

## Saúde do Trabalhador é uma questão de amor

### EDITORIAL\*

Em tempos de amor livre e ódio liberado é preciso colocar em nossa agenda de reflexões essa questão. O amor, é óbvio, não precisa de explicação, justificativa, mirabolantes teses psicológicas para sabê-lo, entendê-lo, senti-lo. O amor é o amor e pronto. Amor pela vida, pelos filhos, pelos amigos, pelas pessoas amadas, pela natureza, pelos animais, pelo pôr-do-sol e o seu nascer, pelo amor mesmo. Sem ele, que vida sem sentido existiria? E para quem está na saúde do trabalhador, pesquisando, ensinando e aprendendo, nela militando e a defendendo, o amor flui como fluiria um processo de trabalho digno e saudável. Na saúde do trabalhador impera um tipo de amor. O amor pela justiça, o amor pelo outro, o amor pelo respeito à vida, o amor pelo trabalho que acolhe e não pune, o amor pelo direito humano de ser respeitado e desfrutar da vida digna. Mas o ódio merece, esse sim, explicação e justificativa. Pois é dele que flui a saliva maledicente justamente contra o amor. É incrível que haja ódio nas relações familiares, nas relações de trabalho, nas relações políticas, nas relações de amizade, nas redes sociais. Há ódio gratuito por aí, no trânsito, na rua, nas festas, nos bares. Amor e ódio são sentimentos da natureza humana. Difícil, quase impossível, é abandoná-los. Mas é possível amestrá-los. Direcioná-los. Refletir sobre eles. A um ou outro devotamos parte de nosso tempo e nossa opção de um dado modo de viver. Então, 2018 chegando, cabe, como em todos os anos têm cabido, fazer opções. E a opção continuará, como sempre, sendo entre o amor e o ódio. O amor, já se falou, é óbvio, mas o ódio que saliva contra o amor é intolerável. Portanto, redirecionar o ódio humano é uma opção de vida e uma prova de que somos animais inteligentes. Amestrar o ódio humano e redirecioná-lo é uma prova de inteligência. Não se supera o ódio mirando pessoas. Personalizar o ódio é voltá-lo contra nós pelo espelho do outro. Não será contra as pessoas que, como nós, não conseguem extirpá-lo de sua alma, que vamos resolver

### Nesta edição

Editorial – Saúde do Trabalhador é uma questão de...	1
Entrevista – Vanda D’Acri	2-4
Artigo do mês – Danniella Davidson Castro	5-6
Perfil Sindical – Nelma Barbosa Carius	7
Trabalhadores Anônimos – Jairo da Costa Filho	8
Informes	9

as grandes questões. O eventual ódio que se sente quando se vê a morte e a doença no trabalho, na grande parte das vezes, acometendo jovens rapazes e moças trabalhadoras, deve servir para alguma coisa e não apenas para se tornar um sentimento vazio. É preciso transformá-lo numa causa de amor, de luta, resistência, tenacidade, coragem, inteligência e paciência. O descaso da maioria dos patrões, a omissão de praticamente todos os governos, a indiferença de quase todos os políticos, a insensibilidade de alguns representantes dos trabalhadores, o ‘dar de ombros’ de muitos profissionais de saúde, o medo de muitos trabalhadores, a frieza das instituições cuidadoras, a incompreensão das pessoas em geral com a questão da saúde no trabalho não deve ser motivo de ódio com a situação que, todos os que militam na saúde do trabalhador, sabem que é catastrófica. O amor pela causa é a palavra de ordem. Mas palavras de ordem não bastam sem ações objetivas, efetivas, incisivas e definitivas. Cada ano que chega, a rigor, nada muda pois não muda o percurso da dor dos que já a sentem e não muda o percurso da causa da dor dos que ainda a sentirão. Mas, a mudança da data pode representar a data da mudança. O simbolismo que traz o ano que chega deve servir para algo mais do que champanhe e fogos de artifício. Olhar para a frente, em matéria de saúde do trabalhador, é olhar para trás e perguntar por quê? Por que as coisas ainda não deram sinais de mudança? As razões são muitas, as perguntas mais ainda, mas as respostas ainda são dadas com a timidez dos tímidos, a ineficácia dos ineficazes, o receio dos receosos, a lerdeza dos lerdos. Que 2018 sirva para rasgarmos a capa dura que nos impede de chegarmos à autocrítica. Chegar às razões do quanto fizemos de menos pode ser um bom começo de ano para começar a fazer um pouco mais. ■ ■ ■

\*Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

## A fala da Saúde do Trabalhador

# Vanda D'Acri



Professora e pesquisadora, desde a 1ª hora do Cesteh [Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana], Vanda D'Acri Soares tem seu nome inscrito na história da saúde do trabalhador (ST), especialmente pela dedicação a três temas muito caros à nossa área: a relação do anarco-sindicalismo com a saúde; a questão do gênero; e a luta pelo banimento do amianto. Assistente Social formada, em 1971, pela UFRJ (antiga Universidade do Brasil), seu percurso na ST é uma linda história.

Em 1973, Vanda começou a trabalhar no INPS [Instituto Nacional de Previdência Social], através de concurso da Secretaria de Bem-Estar Social. Foi lotada no Hospital do Andaraí, onde uma equipe de grandes profissionais do serviço social, como Maria Inês Souza Bravo, Maria Hilneth Campos Moreira, Eliana Mendonça, Thereza Maria, entre outras, juntamente com os profissionais da saúde formavam uma equipe de ouro, com um trabalho reconhecido como de grande relevância. À época, a direção do Hospital recebeu um convite da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) para encaminhar uma profissional para seleção do curso básico de saúde pública. Vanda trabalhava no ambulatório de obstetrícia e tinha implantado o trabalho em equipe multiprofissional com grupos de gestantes e, por isso, foi convidada pela chefia a participar da seleção da ENSP. Vanda nos relata: “A partir daí um novo mundo se abriu em termos de conhecimento e possibilidade de atuação. Nesse momento a ENSP tinha grande efervescência política e um pensamento crítico sobre o campo da saúde pública e sobre a política nos tempos da ditadura no Brasil. Nomes como Sergio Arouca, Ana Maria Tambellini, Lenita Peixoto, Tizuko Shiraiwa e Eduardo Maranhão (coordenadores do curso) formavam pensadores na área da saúde pública. A nova formação dos sanitaristas foi relevante nesse momento histórico em que se pensava um novo modelo de saúde para a população brasileira.”

Após a especialização (saúde pública), Vanda cursa o mestrado na ENSP, quando desperta seu interesse sobre a ST:

“Estudávamos *O Capital* e elaborávamos um pensamento crítico sobre a relação saúde-trabalho. A reflexão sobre o meu objeto de mestrado, indagando sobre o papel da assistência médica nos sindicatos, considerada como atividade “alienada”, levou-me ao estudo da formação da organização dos trabalhadores no Brasil.” A pesquisa levou Vanda ao estudo do movimento anarquista, corrente ideológica influenciada pelo movimento operário francês, que orientou a organização dos trabalhadores no Brasil, imigrantes em sua maioria no período de 1890 a 1920. Sua grande descoberta deste período da história do Brasil, ainda pouco conhecido e um dos mais bonitos, em termos da luta política por direitos, foi a contribuição da ideologia anarco-sindicalista para a discussão da relação saúde-trabalho. Sua dissertação de mestrado, de 1982, *Os Trabalhadores e a Questão da Saúde (1890/1920)* é uma contribuição inestimável para a compreensão da formação de um pensamento em defesa da saúde do trabalhador no Brasil. Vanda resume o que foi sua importante pesquisa.

“Foi meu primeiro projeto de estudo na área de saúde e trabalho. A pesquisa tratava das reivindicações de saúde dos trabalhadores no período de 1890 a 1920 na formação da classe operária, a partir da implantação do capitalismo no Brasil, tendo como ponto de referência Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que receberam o maior número de imigrantes italianos, portugueses e espanhóis. Junto com brasileiros formaram a classe trabalhadora e desenvolveram o movimento social operário através de greves, comícios e manifestações de protesto nos quais reivindicavam melhores condições de trabalho e de vida, revelando a questão social no Brasil.

Vanda D'Acri

O movimento operário, foi influenciado pelo trabalhismo, socialismo e anarquismo e, a partir de 1906, por ocasião do 1º Congresso Operário Brasileiro, o anarquismo passou a ser a corrente ideológica hegemônica na luta social até 1920. O anarquismo, teoria política que contestava o Estado e os partidos políticos como forma de representação da sociedade, via o capitalismo e a propriedade privada como a principal fonte dos problemas sociais. Tendo como ideal a justiça, a construção de uma sociedade igualitária, onde se respeitariam a liberdade e a autonomia individuais, defendia uma nova organização econômica e social, alicerçada na solidariedade. Nossa pesquisa, cuja fonte foi a imprensa operária, revela que os trabalhadores anarquistas identificavam o sistema de produção e a precária organização da sociedade como a causa de suas doenças. Reconheciam, portanto, que as melhores condições de saúde estavam diretamente relacionadas às melhores condições de trabalho e de vida, o que se refletia em sua luta pela redução da jornada de trabalho, por melhores condições de higiene nas fábricas, contra a exploração do trabalho de mulheres e crianças, contra a carestia de vida e por melhores condições de moradia. Os trabalhadores associavam a questão sanitária à questão social, recusando medidas paliativas e amortecedoras para os problemas de saúde. Possuíam, portanto, uma visão de totalidade quanto à organização da sociedade, através do seu sistema de produção, e à consequência para a saúde dos operários. Logo, as reivindicações por melhores condições de saúde estavam no bojo do movimento social por eles desenvolvido. O anarquismo e o impacto da história da formação da classe trabalhadora no Brasil, pela sua grandeza e beleza, nos surpreende e encanta. Foi uma grande descoberta a proposta anarquista de solidariedade, seu princípio fundamental, e o ideal de justiça e de organização da sociedade, visando a emancipação humana e a formação de uma sociedade libertária. É um dos movimentos mais bonitos e empolgantes de nossa história, na reivindicação de nossos direitos como trabalhadores, na organização coletiva, onde a arte, a cultura, o trabalho e a luta pelos direitos era fruto da atuação coletiva solidária e amorosa dos próprios trabalhadores.” A partir de sua pesquisa, Vanda ingressou no Cesteh, onde permanece até hoje, a convite da professora Anamaria Tambellini, coordenadora e fundadora do Centro que estava se formando.

No Cesteh, junto com Jussara Cruz de Brito, começam a pensar a questão de gênero na ST. Vanda estuda a abordagem das mulheres anarquistas sobre a questão do trabalho no período mencionado. O tema gênero e ST suscitou diversos projetos realizados pela equipe do Cesteh, desdobrando-se em diversas linhas de pesquisa e tendo como referência Jussara Brito, uma das pioneiras da questão saúde, trabalho e gênero no Brasil. A partir da questão de gênero e trabalho, o Dr. Hermano Castro, pneumologista do Cesteh, acolheu a trabalhadora Rosa Amélia Alves de Araújo, que lhe havia sido encaminhada pela Dra. Maria das Graças Mota Melo, dermatologista do Cesteh. Dona Rosa tinha o diagnóstico de asbestose, a grave doença pulmonar provocada pelo trabalho com o amianto. Vanda relata o que aconteceu. “No final de 1995 entrevistamos dona Rosa Amélia, que foi a primeira trabalhadora da indústria têxtil de amianto a procurar os serviços do Cesteh, orientada pela Dra. Maria das Graças. Ao atendê-la no serviço de dermatologia do município/RJ, sabendo da sua história de trabalho na indústria do amianto, encaminhou-a ao ambulatório de pneumologia do Cesteh. Dona Rosa, orientada pelos profissionais do Cesteh, começou uma busca ativa por suas colegas de trabalho, encaminhando-as para atendimento médico. O Dr. Hermano e sua equipe iniciaram o atendimento às trabalhadoras e depois aos demais trabalhadores. Hoje, a Drª Patrícia Canto faz este atendimento. Em 1996 iniciamos reuniões e encontros com as trabalhadoras para discutirmos as questões relativas à relação saúde-trabalho. A partir daí organizou-se a ABREA-RJ. A ABREA é a Associação Brasileira de Expostos ao Amianto, fundada em 1995, em Osasco/SP. Em 1997 fomos a Osasco, com Ruth Maria Nascimento, conhecer o trabalho da ABREA-SP, coordenada pela Fernanda Giannasi, referência fundamental na luta pelo banimento do amianto no Brasil e no mundo. Com o Dr. Hermano e a Fernanda, coordenadora da Rede Banasbesto/América Latina, além de outros profissionais, aprendemos sobre o amianto, a asbestose, o mesotelioma e placas pleurais, assim como os danos à saúde e ao meio ambiente. A ABREA-RJ iniciou com as mulheres trabalhadoras da indústria têxtil do amianto: Dona Rosa Amélia, Ruth Nascimento, Dulcelina da Costa Alegrete, Dulcília Alegrete, Walmira Dias Ferreira, Valdelice de Moraes, Clea Marques Ferreira, todas fundamentais na criação e vida da ABREA-RJ. Ruth assumiu a direção por muitos

Vanda D'Acri

anos e Dona Rosa foi presidente de honra. Posteriormente os trabalhadores homens foram aderindo ao atendimento médico e às reuniões. A ABREA-RJ contou com a participação de muitos profissionais do CESTEJ, ressaltando a atuação de Maria Blandina Marques e Kátia Reis que elaboraram a proposta de formação junto aos trabalhadores. Sua participação e trabalho foram fundamentais no movimento junto aos trabalhadores na construção de um pensamento crítico da relação Capital, Saúde e Trabalho, numa perspectiva transformadora. Em 2000, a ABREA-RJ foi fundada na ALERJ em Audiência Pública com o deputado Carlos Minc, autor da lei de proibição do amianto no estado do Rio de Janeiro. A lei aprovada em 2001 contou com a participação de todas as trabalhadoras e de seu Nivaldo, quando fomos em todos os gabinetes dos deputados explicando a importância da sua aprovação, os males causados pelo mineral, relatando que a maioria das trabalhadoras estava com asbestose.

A lei foi aprovada com ampla margem de votos pelos deputados da ALERJ e sancionada pelo governador. O lado triste na história da ABREA-RJ é que entre 2000 e 2008, toda a Diretoria faleceu em razão das doenças relacionadas ao amianto, inclusive uma trabalhadora com câncer de pulmão, cujo diagnóstico inicial era de mesotelioma, entretanto o hospital não quis confirmar este diagnóstico por questões políticas. É importante ressaltar que essas trabalhadoras foram grandes guerreiras na luta pela saúde, na luta pelo cuidado com os trabalhadores e na luta pelo banimento do amianto. A relevância da lei do Rio de Janeiro é inegável: teve sua aprovação decidida pela participação das trabalhadoras; foi uma vitória dos trabalhadores; mas foi arguida como inconstitucional pela CNI [Confederação Nacional da Indústria], pela mão dos empresários da indústria do amianto. Todavia, em 29 de novembro de 2017, ao ser julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) culminou, após um longo processo, no banimento do amianto em todo Brasil. As pessoas que lutaram pelos seus direitos e os dos demais companheiros, que morreram durante a causa, deixaram o legado de sua luta.” Vanda ressalta o trabalho da equipe do Cesteh e destaca Luana Oliveira, Cyro Haddad Novello, Plínio dos Santos Souza e Mariza Almeida que acompanharam a pesquisa e foram fundamentais na organização da ABREA-RJ. A pesquisa deu visibilidade aos danos causados pelo amianto aos trabalhadores expostos. Destacaram-se dois estudos das condições de trabalho na indústria têxtil e de cimento-amianto no Rio de Janeiro, um com financiamento da FAPERJ e outro do Ministério da Saúde, concedido pela Fundação Nacional da Saúde, com o empenho da Dra. Maria Helena Barros, em sua luta na coordenação do Cesteh, no período 2000-2004. Nesses estudos tornaram-se visíveis as doenças causadas pelo amianto e os problemas sociais vividos pelos trabalhadores, revelando um grave problema de saúde pública.

Dos 203 trabalhadores expostos ao amianto e avaliados no Cesteh (1996 a 2008), 55 trabalhadores tinham doenças relacionadas ao amianto. É um número espantoso de trabalhadores doentes. Dos 55 casos, 24 tinham asbestose, 10 asbestose e placas pleurais, 5 placas pleurais, 2 asbestose e câncer de laringe e 14 óbitos por asbestose. A continuação do trabalho desenvolvido junto à ABREA-RJ mostrou o crescimento do número de óbitos e de doenças relacionadas ao amianto. As trabalhadoras Lúcia Maria Nascimento e Terezinha Minarini e seu Geraldo Mariano hoje fazem parte da direção e coordenam uma nova fase da ABREA-RJ, com ênfase no processo de judicialização junto ao Ministério Público do Trabalho, que criou o Programa de Banimento do Amianto, coordenado pelos procuradores Márcia Kamei (SC) e Luciano Leivas (RS). Vanda encerra seu relato falando-nos sobre a saúde do trabalhador. “A compreensão dos processos produtivos como geradores de doenças conclui pela necessidade de intervir nesses processos para transformá-los, através de políticas públicas em que se estabeleça uma conduta de regulação da exploração do capital sobre o trabalho. A proteção da saúde dos trabalhadores depende de ações conjugadas com a ergonomia, com a vigilância em saúde e, principalmente, com a atuação dos trabalhadores junto a pesquisadores e legisladores. Isso é fundamental para se compreender o processo produtivo e os próprios trabalhadores encaminharem as medidas de transformação, com o apoio do setor público comprometido com a defesa da saúde e da vida. Dejours coloca que o trabalho não produz apenas sofrimento, mas também produz prazer, Lukács nos diz que o trabalho é a base do ser social, onde o homem se objetiva no seu trabalho, onde cria e se desenvolve o aspecto ontológico do trabalho. Frente a essas colocações observamos como o trabalho é fundamental para a vida das pessoas, não só para a sua sobrevivência, mas como forma de se expressar no mundo. Portanto, a utopia de uma sociedade em que os seres humanos desenvolvam suas capacidades e se realizem é uma forma de pensar uma sociedade melhor.” ■ ■ ■

## Azeitando engrenagens: as perguntas fundamentais para o início de caminhada do Fórum Intersindical do estado de Goiás

artigo do mês

### *Contexto atual.*

A Classe trabalhadora passa por um processo de desconstrução progressiva de sua identidade. São muitos nomes: desempregados, formais, informais, assalariados, terceirizados, subcontratados, flexíveis, etc. Há alterações na paisagem política e econômica que carecem de uma revolução: palavra, povo e pólvora, como disse Orlando Aguirre, diretor de uma Faculdade de Medicina em Cuba (citado por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*).

### *Resgate dos princípios do Fórum.*

Cumprimos os passos, demos voz, refletimos e organizamos. No Fórum, somos todos agentes de Revolução Social, que estamos com uma missão histórica. O Sindicato precisa saber o quanto ele é importante para o desenvolvimento do país, tem um papel social específico! Em que o Sindicato deixou de acreditar? Há aqui a possibilidade de aliança com todos os setores realmente comprometidos com o desenvolvimento na luta dos trabalhadores pela Saúde. É preciso fazer uma escavação para emergir a identidade. Identidade não apenas como produto institucional. Por que os sujeitos protagonistas devem aderir para intermediar as ações? Ao mesmo tempo em que somos indivíduos, somos coletivos! O Fórum representa uma quebra de paradigma! Apesar do cenário atual, estamos aqui firmes! Então vamos azeitando as engrenagens do Fórum!

### *Mas o que é a VISAT [Vigilância em saúde do trabalhador]?*

*Qual a nossa identidade? Quem somos? O que somos e o que não somos? De onde viemos?*

Será o trabalho um cárcere? O trabalhador precisa viver num exílio? Existimos porque há situações degradantes e sofrimento na relação homem-trabalho. Quais as particularidades da Saúde do Trabalhador? Diferente da saúde ocupacional, onde o foco é a doença e o objetivo é reproduzir a força de trabalho, a Saúde do Trabalhador envolve o sujeito e o foco é a promoção da saúde.

Danniella Davidson Castro\*

Assim, nossa prática se constrói junto com os trabalhadores. Na Saúde do Trabalhador já atuamos de forma integrada entre os vários componentes da Vigilância.

**A Classe trabalhadora passa por um processo de desconstrução progressiva de sua identidade. ... Há alterações na paisagem política e econômica que carecem de uma revolução: palavra, povo e pólvora, como diria Orlando Aguirre, diretor de uma Faculdade de Medicina em Cuba.**

*O que fazemos? VISAT para que? A que veio?*  
Não se pode transformar a saúde em um cúmplice dócil do capital, um adversário com quem parece não haver acordo possível. Do jeito que está, a saúde é vista através de uma janela estilhaçada, fazendo referência a Antonio Cruz, cujos estilhaços atingem o trabalhador e tornam sua visão turva, incapaz de olhar para a sua própria saúde. A saúde precisa estar na retaguarda e não pode ser vencida pelo cansaço. A Saúde do Trabalhador não é um curativo gigante. Para dar conta de uma ação, é preciso compreendê-la na sua singularidade. Então, cada um é importante na relação entre os pares. As percepções individuais de cada homem e cada mulher, cada trabalhador e cada trabalhadora, em sua singularidade, em sua maneira única de ver o mundo, ampliam-se coletivamente num processo de percepção das semelhanças.

Conheça a história da Saúde do Trabalhador no Brasil  
Venha para o Fórum Intersindical ...  
... e faça parte dessa história

continua

Cada trabalhador desvenda sua própria condição singular na singularidade do outro. É possível uma solidariedade para o enfrentamento das condições de exploração. Nesse sentido, a VISAT é um instrumento fundamental para a saúde do trabalhador, ao trazer o trabalhador para o lugar que lhe é de direito, o de protagonismo, não assistencialista.

### *Com quem o trabalhador pode contar? Quem ampara a Saúde do Trabalhador?*

Na Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, o objetivo é integrar as ações individuais e coletivas. Assim, estão presentes o Ministério da Saúde, o CEREEST, a Coordenação de Vigilância em Saúde do Trabalhador e o Controle Social através do Conselho de Saúde e da CIST.

### *O que podemos construir? O que vamos alinhar visto que o tecido é frágil? O que vamos cimentar?*

Já é notório que entre o mundo dos homens e o mundo do trabalho há um espaço nada pacífico. Propomos aqui uma curvatura qualitativa em oposição a uma linha reta. As demandas requerem respostas urgentes e ativas. É preciso sair do automatismo para o protagonismo, abandonar o discurso pronto e progredir para a construção compartilhada. Quais as potencialidades e limites? Quais os territórios de abrangência, as pactuações ou compromissos assumidos e ações? Qual a novidade que trazemos enquanto poder público? Essa fase precisa representar um momento de convergência entre todos que estão fazendo parte desse momento histórico no estado de Goiás. Quais são os fatos? O sindicalismo vive tempos difíceis. Trabalhadores adoecem e morrem todos os dias. Quais os pontos nevrálgicos da Saúde do Trabalhador no estado? Muitos desses pontos estiveram e estão presentes na fala dos trabalhadores. Qual será o produto de nossas interações e diálogos? É tempo de plantar, de construir! Qual o nosso plano conjunto de lutas pela saúde dos trabalhadores e das trabalhadoras? O Fórum é o organismo vivo, é o órgão máximo que chama todos os trabalhadores na luta pela saúde para concretizar tudo o que será proposto. ■ ■ ■

A Saúde do Trabalhador não é um curativo gigante. Para dar conta de uma ação, é preciso compreendê-la na sua singularidade. Então, cada um é importante na relação entre os pares. As percepções individuais de cada homem e cada mulher, cada trabalhador e cada trabalhadora, em sua singularidade, em sua maneira única de ver o mundo, ampliam-se coletivamente num processo de percepção das semelhanças.

\*Danniella Davidson Castro, Psicóloga, Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar, Psicanalista, Analista de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás, Fiscal de Vigilância Sanitária, Subcoordenadora de Desenvolvimento Técnico em Saúde do Trabalhador. Danniella faz parte da coordenação do Fórum Intersindical de Goiás, cujas atividades vêm sendo implementadas em conjunto com o Fórum Intersindical / RJ.

### NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão ‘comum’. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma ‘ciência’ hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas ‘leigas’, boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas ‘científicas’ que tratam da saúde do trabalhador não são “para o bico” dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos “para o bico” dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas ‘científicas’. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas ‘científicas’ cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe! ■ ■ ■

# Nelma Barbosa Carius

PERFIL  
SINDICAL



Nelma faz parte da Coordenação do Departamento de Saúde do Trabalhador do Sindsprev/RJ [Sindicato dos Trabalhadores em Saúde, Trabalho e Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro]. Também é a Presidente da CIPA [Comissão Interna de Prevenção de Acidentes] dos agentes de combate às endemias do município de Duque de Caxias, do estado do Rio de Janeiro. Nelma centra sua atuação na luta contra o desrespeito com os agentes de combate às endemias na relação saúde-trabalho. A contaminação desses trabalhadores, devido ao manuseio com substâncias químicas que são utilizadas em suas atividades, é conhecida. Desde 1988, portanto há 30 anos, provas realizadas no Instituto Vital Brasil e em outras instituições comprovavam o dano à sua saúde. Nelma assinala que o descaso dos sucessivos gestores colocou trabalhadores e trabalhadoras em uma situação precária de trabalho, em que não havia qualquer preocupação com os contratos provisórios de trabalho, alguns anuais e mesmo semestrais. Os trabalhadores se mantinham em estado de luta permanente para garantir seus contratos de trabalho, ainda que de forma precária.

Os trabalhadores eram contratados precariamente por associações, fundações, prefeituras, entre outras, causando insegurança e temor pela instabilidade, além dos inúmeros riscos ocupacionais que, muitas vezes, os trabalhadores não tinham conhecimento, porque a eles era negada a informação, especialmente sobre os agentes tóxicos.

Após sucessivas lutas e enfrentamentos com a gestão, em 1994 foi realizado um processo seletivo na Fundação Nacional de Saúde que, todavia, não impediu a manutenção das contratações precárias. Nelma continua seu relato observando que, em 1999, os trabalhadores foram dispensados pelo Ministro da Saúde, sob a alegação de que não precisava mais de sua mão de obra. Desconsiderando a contribuição da categoria durante aqueles anos todos, seu tempo de trabalho e o conhecimento adquirido, o flagrante desrespeito teve um trágico desfecho. Nelma relata:

*“... foi o gatilho para oito suicídios de bravos companheiros que não suportaram a pressão psicológica, deixando suas viúvas sem condições de prover o alimento de seus filhos.”*

Em virtude dessa situação, na ocasião foram realizadas novas contratações em algumas prefeituras, da mesma forma precária, provocando riscos ainda maiores. Eram evidentes as intoxicações agudas e crônicas, os danos de origem ergonômica, a exposição ao sol, a dependência química, a instabilidade emocional e os problemas de saúde mental. As atividades dos agentes de endemias, aparentemente simples, são sempre muito complexas, com várias tarefas imbricadas.

Além do preparo do material tóxico a ser aplicado, estão permanentemente expostos ao sol, à chuva, às intempéries, transportam materiais diversos, como bomba de Hudson, cargas de abate e malathion, funil, balde, canecão, bandeiras, prancheta, boletins, lona plástica, bacia, tubetos, álcool. Tantas vezes sem terem a informação de que estavam sendo contaminados, suas roupas e uniformes lavados em suas residências contaminavam também suas famílias. Nelma reforça o relato de que são muitos os casos de nascimento de crianças com deficiências provavelmente congênitas. Em 2003, com a continuação da luta política, esses trabalhadores foram reintegrados à Fundação Nacional de Saúde como empregados públicos. Mas foi somente em 2014, após 30 anos de muita luta, sofrimento e perdas inestimáveis que os agentes de endemias passaram para o quadro de servidores do Ministério da Saúde. Nelma conclui o relato dessa emocionante saga dos agentes de endemias: *“E quando nós, sindicalistas e servidores, achamos que tudo tinha sido resolvido nos deparamos com uma triste realidade. Só nos anos 2016 e 2017 haviam falecido quase 100 companheiros relativamente jovens de derrame, infarto, câncer, entre outros problemas. Isso fez com que nos reagrupássemos, reativando o Departamento de Saúde do Trabalhador do Sindsprev. A luta continua e agora é uma questão de justiça: proporcionarmos aos outros trabalhadores e trabalhadoras melhores condições de trabalho e vida.”* ■ ■ ■

## Trabalhadores Anônimos

*Dando Visibilidade às  
Identidades Sociais*

### Jairo da Costa Filho (in memoriam)

Em tempos de discriminação, retrocessos em direitos humanos, desrespeito a crenças e opções de vida, racismo e violência contra o outro, essa coluna do Boletim Informativo presta homenagem ao poeta dos trabalhadores anônimos e personagens discriminados do cotidiano. Militante, distribuidor de alegria e poeta, o médico Jairo deixou-nos precocemente, em 2001, no auge de sua indignação contra o preconceito, a desigualdade social e o discurso careta daqueles que insistem em fazer o mundo pior. Dizia o poeta:



Já chegam meus convidados  
para a grande ceia

Do meu lado direito,

o leproso

o sífilítico

o corno

o pederasta

o tuberculoso

Do meu lado esquerdo,

o bêbado

o mendigo

o pária

a prostituta

o suicida

São todos amigos e bem-vindos.

Porque, se suas histórias são um pântano,  
suas vidas são lírios que brotam tímidos e puros.

(A CEIA, Coleção Verso Vício – volume 2 – 1985)

**Crítico mordaz da realidade social que joga as pessoas na miséria e retira-lhes a identidade social, Jairo fazia de sua poesia um libelo contra o discurso conservador daqueles que guardam os atos e as palavras que combatem e criticam para exercê-los na intimidade de sua hipocrisia. ■ ■ ■**

A invisibilidade social dos trabalhadores é patente. Seu adoecimento e sua morte ao produzirem os bens e os produtos de consumo que movem a sociedade e a vida, em si mesma, não constam da embalagem. Não está no rótulo do que comemos e usamos que, para chegar em nossas mãos, adoeceram ‘x’ trabalhadoras, morreram ‘y’ trabalhadores. A doença e a morte rondam o trabalho. Mas não as vemos. Então, o problema é o trabalho? Claro que não! Sem o trabalho não há vida, não moraríamos, não vestiríamos, não comeríamos, enfim, não seríamos o que somos. E se a invisibilidade da relação saúde-trabalho é evidente com os trabalhadores que têm uma inserção social mais visível, com os trabalhadores anônimos a situação é ainda pior. Trazer à tona suas identidades sociais é o propósito desta coluna do Boletim Informativo. Contribua com ela. ■ ■ ■

Atento à identidade social dos trabalhadores, Jairo da Costa Filho nos legou essa obra-prima:

#### ELEGIA AO SALINEIRO

Ao Povo Brasileiro

Nos teus ombros dorme um sol que já cansou de queimar e que, agora, fornece teu pão salgado e pouco.

Os teus cabelos tostados, a tua tez de âmbar, simulam ar jovial que se desfaz no olhar atento e exhibe rugas que enrugaram teus avós.

Tua mulher carrega no ventre um filho salgado que, doce a teus olhos, terá infância salgada, amores salgados e vida amarga.

Os quadros de água em rede múltipla te aprisionam e tua alma, teus sonhos, teus castelos se evaporam, tua vida se deposita em cristais opacos e tu, quixotesicamente, ao pé dos cataventos, puxas o rodo que recolhe o sal e apaga tua imagem sobre o mundo.

(Coleção Verso Vício – volume 3 – 1990)

**Fórum Intersindical  
Emoção e Luta pela  
Saúde do Trabalhador**



## INFORMES

### PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

Dia 26/01 - 6ª feira  
09 às 11:00h - reunião ordinária  
11:30 às 13:00h – oficina temática

#### OFICINA TEMÁTICA Atuação das CIST

[Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador],

**o papel da CIST nacional e a articulação  
intersectorial das CIST para a formação em  
Saúde do Trabalhador**

com

**Geordecí Menezes de Souza**

Coordenador da CIST do Conselho Nacional de Saúde

&

**Karla Freire Baêta**

Coordenadora Nacional de Saúde do Trabalhador / Ministério da Saúde  
(debatadora)

LOCAL

Sindicato dos Bancários / RJ  
Av. Presidente Vargas, 502 – 21º andar / Centro  
(próximo à Igreja da Candelária – metrô Uruguaiana)  
Tel: 21-2103.4118

Reunião do Fórum Intersindical em 15/12/2017  
Agenda neoliberal e os impactos nas políticas sociais ...  
Isabela Soares Santos – Cebes (no destaque)



Foto: Marcel Caldas

**CONTINUAM ABERTAS as INSCRIÇÕES para o  
BOLETIM ESPECIAL de FOTOGRAFIAS sobre  
SAÚDE do TRABALHADOR.**

Veja as instruções para o concurso em nosso site

[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

**Já pode ir tirando suas fotos!!**

#### ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre saúde do  
trabalhador para a nossa seção **artigo do mês** entre no blog e  
veja como proceder: [www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

Acompanhe...

#### Abertas as inscrições!

**V Curso Intersindical de Saúde, Trabalho e  
Direito - Subsídios para Ação de Vigilância  
em Saúde do Trabalhador no SUS**

**São 40 vagas direcionadas prioritariamente  
para dirigentes sindicais.**

**O curso é totalmente gratuito e ocorre em  
duas sextas-feiras por mês, horário integral.**

Inscrições pelo email:

[cursointersindical@gmail.com](mailto:cursointersindical@gmail.com)

**Maiores informações pelo blog**

[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

#### Fique atento!

No dia 5 de janeiro de 2018 foi realizada Reunião Extraordinária  
do Fórum Intersindical. Deliberações:

- 1 - Estratégias para repudiar a retirada da vigilância em saúde do  
trabalhador do PL 45/2017. Será distribuída Carta de Repúdio aos  
vereadores (ver carta no Blog [www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com));
- 2 - Agenda de reuniões com a CIST nacional, a CGSAT (coordenação  
nacional de ST), a Câmara dos Vereadores, a ALERJ e o Ministério  
Público do Trabalho para debater a questão do Rio de Janeiro;
- 3 - Publicação de uma Coletânea do Fórum Intersindical, do tipo

**“Conheça um pouco mais sobre a saúde dos trabalhadores”**,

direcionada a cada uma das categorias de trabalhadores.

Inicialmente serão confeccionadas as publicações das categorias que  
vêm acompanhando o Fórum: comerciários, metalúrgicos, bancários,  
rodoviários, professores, telecomunicações, saneamento, agentes de  
endemia, limpeza urbana, saúde, correios, rurais, petroleiros etc.

O projeto será apresentado em reunião ordinária do Fórum.



Foto: Camila Araújo - fotógrafa SINTEL/RJ

#### ATENÇÃO!

Acompanhe a **AGENDA** de reuniões de 2018 da CIST  
**COMISSÃO INTERSETORIAL de**

**SAÚDE do TRABALHADOR**

pelo Blog

[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

Fórum Intersindical – Democracia participativa pela saúde no trabalho

Coordenação:

Ana Paula Bragança (Pesq. Colab. DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Jacqueline Wilhelm Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)

Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)

Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito  
para a Ação em Saúde do Trabalhador

Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361

Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223

[forumintersindical@gmail.com](mailto:forumintersindical@gmail.com)

Venha para o Fórum Intersindical - Acompanhe nosso Boletim Informativo